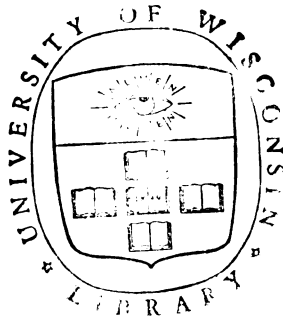


Ger
Unive
728 S
Madis
U.S.A

Madison

06-1494



General Library System

VAIDADES IRRITADAS E IRRITANTES

728 State Street
Madison, WI 53706-1494
U.S.A.

(OPUSCULO Á CERCA D'UNS QUE SE DIZEM OFFENDIDOS EM SUA
LIBERDADE DE CONSCIENCIA LITTERARIA)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO—EM CASA DE VIUVA MORÉ
PRAÇA DE D. PEDRO.

VAIDADES IRRITADAS E IRRITANTES

(OPUSCULO Á CERCA D'UNS QUE SE DIZEM OFFENDIDOS EM SUA
LIBERDADE DE CONSCIENCIA LITTERARIA)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO—EM CASA DE VIUVA MORÉ
PRAÇA DE D. PEDRO.

Ha nas extravagancias da exaltação alguma coisa nobre e aspiradora de melhor, que, ainda quando sorrimos, nos faz pensar que é um coração desregrado sim, mas vivo que inspira essas doudices.

ANTHERO DO QUENTAL — *A dignidade das letras* — pag. 18.

Muitas vezes um pouco de bom estudo, um prévio assentar de mão com a poesia classica, um sujeitar a tempo as turbulencias do animo aos principios essenciaes do gosto e da razão, poderiam ter affiançado uma pagina brilhante na historia litteraria ao pobre mancebo, que sem norte, sem bussola, e sem roteiro, se lançou, barra em fóra, á procura de mundos de ouro.

A. F. DE CASTILHO — *Prefacio á traducção dos Amores de Ovidio*

PORTO

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua de Bellomonte n.º 74

—
1866

MEM PA

6285041

9261

C 3

V 3

1866

1

Que mal fez o snr. Antonio Feliciano de Castilho a dois escriptores novos que tão rijamente sahiram por suas vaidades beliscadas?

A offensa é isto que o leitor folgará de recordar :

« — Theophilo Braga — dirão — Anthero do Quental, Vieira de Castro, talentos distinctos, e de já não pequena clientella todos elles, têm sido, e continuam a ser, acremamente objurgados por este aquilatador inexoravel. » —

« Má — continúa o snr. Castilho — e pessima guerra esta em que se bombardeia atirando nomes ; ahi os affectos e paixões, o amor e o odio, o egoismo, a inveja e o mêdo, perturbam o juiso, e, ou gelam a mão nos copos da espada, ou desfecham os golpes á tóa, sobejos para destruição, mas, para victoria, malogrados.

« Eu que a poder de cincoenta annos de desatinos aprendi ao menos a moderação, e só por ella valho hoje, se alguma coisa valho, declaro todavia com a mão na consciencia que nem mesmo aqui, nem mesmo contra estas tres auspiciosas esperanças litterarias, o denodo de censor me parece reprehensivel, e muito menos inutil.

« Uma de duas: ou cada um d'esses tres mancebos é perfeito, ou não:

« Se é perfeito, ninguem tema por elles: são tres aguias que nasceram adultas; que no seu vôo empolgarão os raios; e que até dormindo estarão seguras, pois quanto mais os tufões forcejarem pelas derrubar dos pincaros do loireiral, mais lhes aferrarão as garras ao ramo em que poisaram; sacudil-as não será senão embalal-as em quanto sonham na immensidade, no sol, e na gloria.

« Se porém não nasceram com o inaudito privilegio de perfeitos (e tenho por certo que nenhum d'elles o imagina); se a sua mesma juvenilidade, que mais notaveis os torna ainda, lhes não deu por ora tempo de amadurecerem; se têm, como homens em principio, verduras e demasias de que os tempos os hão-de ir livrando... se d'aqui a dez outonos ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum d'elles ha-de ser tão milagrosamente ditoso que approve em cheio e á carga cerrada tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto hoje pensa — que lhes faz a critica senão anticipar-lhes de certo modo a experiencia? Conspirar com elles mesmos para a boa fama, que nunca se conquistou sem sacrificios? »

Sabe o leitor que estes periodos são trasladados da carta, adjuncta ao *Poema da Mocidade* do snr. Pinheiro Chagas.

Ahi está o aggravo: isto foi, a meu vêr, a bala perdida que cahiu nos arraiaes teutonicos, e alvoroçou os scismadores.

Vieira de Castro, o talento esplendido e modesto, revelou sua cordura, lendo sem mostras de orgulho desairado as palavras de Castilho. Fui eu quem lh'as mostrou com muito contentamento. Allegrava-me vêl-o assim julgado, porque não será seu verdadeiro amigo quem o não julgar assim. Vieira de Castro, que tinha sido meu condiscipulo no estudo dos livros de Castilho, e me relia na sua quinta do Ermo, ha seis annos, os formosos relanços das suas leituras mais queridas, o agradecido moço, ainda magoado pela injustiça, não teria alma para sobpôr aos pés de sua soberba o generoso coração que d'antes e sempre se expandia em louvores de quem o ensinára a joeirar os genuinos diamantes de Francisco Manoel do Nascimento. Aquella luzentissima esperança, que se abriu em flôres e fructos a um tempo, Vieira de Castro, tão levantado em rasão quanto primoroso em honra, n'aquella hora, apertaria estremecidamente a mão do mestre, que lhe dizia: «Vieira de Castro é um talento verdadeiro, grandioso, exorbitante, e d'um futuro que me parece cobiçavel. A poesia da eloquencia, os arrojos das imagens, os assomos da erudição imprevista, os relampagos de genio, o remontado do estilo, os donaires da linguagem muitas vezes, tudo, e mais que tudo, a franqueza do seu patriotismo, lhe affiança logar conspicuo entre os oradores.» (1)

Aqui é o ponto d'um reparo. Não entendi qual ana-

(1) Carta ao snr. A. M. Pereira.

logia de pensar e escrever entre os snrs. Vieira de Castro, Anthero do Quental e Theophilo Braga indusiu o snr. Castilho a irmanal-os no seu tal qual modo de aquilatar-lhes os meritos. Vieira de Castro, quando sahiu a lume com as suas estreias litterarias, remontava-se por demais em altissimas phantasias de linguagem, requintava as fórmas filintianas, nublava o pensamento, por querer ir aquecê-lo á luz das regiões superiores; todavia, aquellas imagens carregadas de adereços, se uma habil mão as desataviava das demasias, ficavam bellas, donosas ainda, gentilissimas e estimaveis ao entendimento e ao coração. Vieira de Castro não se andava em cata do ideal fóra da idéa: espiritualisava as paixões, colorindo-as em excesso á proporção que a phantasia luxuosa lh'as ia retingindo na tela interior; queria que lhe lessem á luz d'outros mundos os seus escriptos, como se a Macpherson ou Senancourt a Providencia, alguma hora, deparasse leitor que se não alumiasse com azeite, ou, n'estas noites mais ditosas, com petrolio.

Porém, entre o estylo sem soro e sem polpa d'algum philosopho transmontado e tresnoitado, que se anda ás cabeçadas ás portas do Infinito, e entre a linguagem meramente acoimada por nublosa, que ha ahi que vêr? Uma coisa é descompôr com superabundancia de galanices e posturas o rosto e configuração usual dos pensamentos— e isto fazia Vieira de Castro; e outra coisa é cobrir uns arca-boiços de tunicas de retalhinhos, encher-lhes de vento o bojo, inflar-lhes os bocios, implumal-os de caudas de pavão, atiral-os d'encontrão contra a gente, e dizerem-nos a gritos estridulos: «Ahi vai o Ideal; isso é a Germania; é o filho

mais novo de Vico, apadrinhado por Michelet! E' o que ahi vai.» Ora, isto não o fez Vieira de Castro. Lá está o snr. Theophilo Braga, o parafuzador de infinitos, o artifice por excellencia d'estas coisas que fazem cahir a gente a estocadas de sabedoria.

E pelo conseguinte, o snr. Vieira de Castro, bem que lhe não damne a camaradagem, foi intruso descabidamente n'uma especie de escriptores muito avessos á sua indole litteraria. O snr. Antonio Feliciano de Castilho não queria decerto dizer que o mesmo espirito do cenaculo os alumiára simultaneamente a todos trez.

II

Annunciou-se uma desforra solemne por parte dos dois escriptores já vantajosamente conhecidos. Desforra de quê? D'aquillo que está copiado, d'aquellas affectuosas admoestações com que o snr. Castilho cuidou captar a bem-querença dos intelligentes môços. Desforra de que affrontas? D'uma, por exemplo, com que o auctor d'«A felicidade pela instrucção» mareou o renome dos dois poetas. Está escripta a injuria na mesma carta em que os offendidos recensearam as outras. O snr. Castilho, nomeando os poetas que mais a primôr exercitam o verso alexandrino, escreve: «O que os alexandrinos valem, o quanto e quão bem se radicaram em pouco tempo, o quanto promettem e já estão dando á nossa poesia, não se vê só nas paginas de Pinheiro Chagas: viu-se em.... Mendes Leal....; vê-se em Anthero do Quental, vê-se em

Theophilo Braga....em vinte outros bellos talentos de Portugal e do Brazil.»

Offerece-se-me pensar que a offensa está no algarismo. Vinte é de mais: no templo da memoria parece que ha sómente duas peanhas vagas.

Como quer que seja, appareceu a carta do snr. Anthero do Quental ao snr. Castilho.

Direi breves palavras d'aquelle cavalheiro para me não dispender em muitas, dando conta da ingrata impressão que recebi do seu inurbano escripto.

Ha menos de um anno que o conheci em Coimbra, graças á medeação de meu sobrinho Antonio d'Azevedo Castello Branco. Não me soccorrem termos com que muito em sombra dê a sentir a brandura, a suave melancolia, e insinuantissimo intranhar-se d'aquelle môço no mais affectivo da alma. Nenhum pensamento sem cunho do sertir alto do coração. Nem palavra que rebuçasse malevolencia ou satyra. Modestia que era depoimento de muito saber, e muito lér, não tanto em livros de philosophos enredadores do animo, quanto nas biblias da natureza, que se abrem, por mãos de anjos, aos pensativos do ceu, a cada intelligencia pura que se lhes avisinha com o olhar da devota admiração de Bernardin de Saint Pierre. Comprehendi o prendimento de Anthero do Quental aos silencios oliveiraes do «Penedo da Saudade». Vi a cazinha erma onde o visitava o alvôr da manhã, e o conversavam os murmurios da tarde. Versos lhe ouvi, que deviam de ser o seu monologo nos silencios d'aquellas noites estivas. Contemplei-o com amoravel admiração; fizeram-me estranheza aquelles vinte e quatro annos absorvidos em

qualquer ponto luminoso, no centro de um disco negro d'aquella negridão, que, a cada hora, escurenta a luzinha e submerge em tristeza abafadora o espirito irreconciliavel com o Impossivel.... Prezei-o por isso mesmo, e disse entre mim: «Se as paixões d'este mundo o não apégarem depressa no seu lodo, este môço não será mais feliz que Hegesyppé Moreau, e comprehenderá melhor que eu as febres e o trespasse de Gérard de Nerval».

Alguns dias volvidos, recebi as *Odes modernas* de Anthero do Quental. Ahi vi o meu nome, laureado com a dedicatória de uma parte d'aquelle meditavel conjuncto de fragmentos de um poema bosquejado. Folguei de vêr assim reconhecido o muitissimo affecto com que eu conseguira ser lembrado ao cogitativo poeta. Li e reli os seus poemas: uns pareceram-me despregar azas de ouro ás regiões serenas da meditação, por aquelle rasto luminoso dos Hugo; outros, denunciavam a inspiração captiva da terra e atirada aos sarçaes ardentes em que dolorosamente se contorceram os Musset e Espronceda; outras, e as mais d'ellas, refinavam em phrenesis de impiedade, que destoavam asperrimamente d'aquelle dizer moderado e controversia reflexiva com que o auctor de *Beatrice* impugnava as minhas chans e fradescas rasões em coisas pertinentes á poesia divina do Calvario.

Não me affeito a intrometter juiso sobre a boa ou ruim direcção que leva o espirito do poeta n'estes seus canticos da manhã da vida. Tudo aquillo por ora são flôres, embora façam entojó a olfactos melindrosos; flôres, porém, que prenunciam outonos de fructos agradaveis ao commum. Ha alli muito engenho, muitissimo talento; e o talento não se

perde nunca de todo. As vergontas, que desabotoaram torcidas, lá virá, tempo além, mão experta destorcel-as, aprumal-as e apontal-as ao ceo d'onde vieram e onde aspiram com a seiva e força d'um nobre peito.

O snr. Anthero do Quental desatina brilhantemente nas objurgatorias ás coisas e pessoas da religião : que monta isso? quem lhe vir o rosto juvenil e os modos arrobados não se scandalisa, nem chora uma alma perdida. Está com os seus annos. O que assombra e entristece é ouvir os môços de sua parçaria jurarem nas palavras d'um velho treslido, chamado Michelet, o qual casou aos sessenta annos, e desde então legisla para os casados e para os amoríos e para a humanidade, denominando « biblias » os seus livros a 3 fr. e 50 cent. Este philantropo, que derime as coisas antigas e inveteradas do coração humano em meia pagina, escreve trezentas para nos contar em estylo apopletico os tramites e as tra-moias da feitiçaria.

Que velhice tão pueril!

E ha muitos annos que o tonto se assentou na ponte de Coimbra a conversar com aquelles corações de meninos, e a ensinal-os a rir das credices de Chateaubriand que viveu e morreu dignamente.

III

Atemos o fio.

Aqui está o primeiro folheto do snr. Anthero do Quental: é uma carta ao snr. Antonio Feliciano de Castilho. D'aquellas indelicadezas, que já não é mister recapitular, não quiz o môço poeta que o venerando herdeiro dos

thesouros de Souza e Bernardes houvesse noticia indirectamente. Apontou-lh'as e desfechou-lh'as ás cans, como quem, hombro a hombro com um condiscipulo, abre uma refesta de phrases rudes.

O snr. Anthero podia dizer do seu direito perante o senso publico, e fiar d'elle o desaggravo, se carecia d'isso. Não lh'o consentiu a vaidade: buiu o punhal e arremessou-o de fito ao peito do homem, que o recebeu com mais surpresa que dôr. Foi acção de que a consciencia do snr. Anthero ha de molestar-se, quando, amanhã, desafogada dos fumos da vaidade, pozer olhos es-correitos no dia de hontem.

De que se queixa o auctor do *Fiat lux*? Do despotismo que o snr. Castilho quer exercitar sobre a consciencia litteraria d'alguns que escrevem em Coimbra, ou escrevem d'um feitio que os individualisa e classifica em eschola de Coimbra.

Esta supposição gratuita dá grandes fóros á queixa; mas, em verdade, o qualifica-a assim é desvanecimento, senão philaucia. Nunca ninguem, a meu vêr, fallou com sisudo proposito da eschola de Coimbra, como quem diz eschola de Epicuro, eschola de Alexandria ou eschola de Kant. De Coimbra o que notavelmente se recommendava, na ultima década, era os geitos aleijados da syntaxe e as farfalharias da idéa. Alguns noticiaristas, pasmados d'aquelles dizeres, deram em chamar eschola coimbran á prerogativa que os academicos fruiam de escrever singularmente, e como se houvessem entre si pactado de crearem uma prosodia entre a Ponte de Agua de Maias e Sancto Antonio dos Olivaes.

O snr. Anthero do Quental é coevo da tribu d'aquelles sujeitos impossiveis; collaborou com elles; mas, muito a tempo, se fez luz na sua razão, e logo deu a intender que no sentir e exprimir-se estava grandemente, senão de todo, desinfeccionado dos miasmas germanicos—digo gèrmanicos, porque os sujeitos faziam correr o boato de serem ares allemães aquillo que, para o maximo da humanidade, eram ares da Babel derruida.

Não obstante, pareceu ao snr. Castilho, e a muitos que antes de s. exc.^a o disseram, que seria optima coisa se mancebos de abalisada litteratura, quaes os snrs. Anthero e Theophilo, escrevessem mais correntiamente, mais pela humana e accessivel pauta do intendimento vulgar. Cifrava isto em mera questão de escrever claro, correcto e portuguez, segundo o natural, o gosto e discernimento de portuguezes.

Aggravo á consciencia litteraria, isso não. O snr. Castilho não faz tempestades em copos d'agua, nem se desfadiga nas ferias dos seus trabalhos a estrondear trovões de theatro com o attrito de folhas de flandes. O snr. Castilho queria dizer «vistam os seus altos pensamentos de attavios, fidalgos como elles, mas de droga portugueza.» O snr. Anthero denomina o reparo *uma acção des-honesta*, um ataque ao trabalho da consciencia independente da chancellaria dos grãos-mestres officiaes. Não, snr.: não é isso. Aggravados deviam de estar os queixosos não já do snr. Castilho, mas dos preceptores de todas as nações e idades em materia de exprimir o pensamento com as vozes naturaes, desde Quintiliano até Longino, desde Horacio a Boileau, desde a grammatica de

João de Barros á prosodia de Bento Pereira, desde Lobato ao vocabulario de Fr. Francisco de S. Luiz. A lida está n'este pouco espaço circumscripta: não é coisa que vá digladear-se no Portico, nem em Berlim, nem incommodar as cinzas de Herder. E' demanda que podemos decidir cazeiramente, e sentados ao fogão, com o auxilio d'um tractado regular das quatro partes da grammatica.

Tirar a questão d'este campo, é assopral-a com tamanho impulso de vento que vá cahir onde a recebam com as mãos nas ilhargas.

E o mesmo faz accudirem por sua dignidade moral de consciencia litteraria os môços escriptores, assim com ares de inauguradores de philosophias, de systemas revolucivos, de implantadores de evangelhos novos, contra os quaes se atravancam os systemas e litteraturas velhas. Ninguem conjecturava isto de pessoas tão novas e quietas até hontem. Ninguem podia suppôr que seis livros francezes, desajudados d'outros tantos livros de boa dicção portugueza, podessem levedar em Coimbra a massa de que ha de sahir o pão das gerações porvindouras! Se o snr. Castilho, o obreiro incessante da felicidade dos seus naturaes pela instrucção, soubesse aquillo, certo não iria arrefentar o sereno lume das retortas de que tem de sahir o que quer que é: o futuro, nada menos que o futuro, segundo inferimos deste dizer do snr. Anthero do Quental: ...« Se eu, como homem, desprezo e esqueço, como escriptor é que não posso calar-me; porque atacar a independencia do pensamento, a liberdade dos espiritos, é não só offender o que ha de mais sancto nos individuos, mas é ainda levantar mão roubadora contra o patrimonio

da humanidade — o futuro —. E' seccar as nascentes da fonte aonde as gerações futuras tem de beber. »

IV

Parece que da poesia impendem aquelles futuros, la-vôr dos sinceros poetas. D'estes é excluido o snr. Antonio Feliciano de Castilho, por dez razões.

1.^a: porque adora a palavra, e despreza a idéa.

2.^a: porque é apostolo do dictionario, e tem por evangelho um tractado de metrificacão.

3.^a: porque faz da poesia um instrumento da sua vaidade.

4.^a: porque prega o bem por uso e convenção litteraria.

5.^a: porque o bem se presta á declamação poetica.

6.^a: porque pratica o egoismo por indole e vontade.

7.^a: porque nos faz descrêr da grandeza humana, e é um sophisma que nos mostra a pequenez e a má fé aonde as apparencias são todas de nobreza.

8.^a: porque prefere imitar a inventar, e traduzir a imitar.

9.^a: porque é o idolo litterario da multidão que mal sabe lêr.

10.^a: porque é genio no Brazil.

Fechou o snr. Anthero picarescamente o libello. Convinha que assim fosse para tomarmos como coisa de riso as nove razões que vem ás cavalleiras da ultima. Eu de mim não sei rir-me do que é rizivel injuriosamente.

Ponderem-se as razões que definem a incapacidade do snr. Antonio Feliciano de Castilho, e queira o meu querido mestre relevar que eu esteja inventariando o apontoado de esfregalhos que lhe atiraram á sua banca de trabalho.

Verdadeiramente, o snr. Castilho adora a palavra, se o adoral-a é conhecêl-a, apropiarl-a, investil-a da autoridade infallivel, o ensinál-a na suave e communicativa facilidade dos seus livros, depois que diuturnamente a foi incelleirando de livros fastidiosos, uma por uma, para offerecêl-a a mãos cheias aos mais preguiçosos intendimentos, dando-a no cabaz d'oiro dos seus livros, como quem olha a prender os animos das indoles mais rebeldes a leituras portuguezas. Adora a palavra: graças a Deus que nos deu ministro assim fervoroso em idolatria que tantos adeptos attrahiu e tantos discipulos ahi pôz entre os que melhormente escrevem.

Mas despreza a idéa o snr. Castilho? Então que é ter idéas? Responde o snr. Anthero: E' ser poeta: poeta como s. exc.^a o entende: «que nos ensine o bem, e seja original, e confirme com a elevação da vida a sublimidade dos escriptos, e seja tão poetico como os seus poemas, e vá adiante abrindo á luz e ao amor novos horisontes, e não conheça ambições nem orgulhos, e tenha a cabeça do genio e o coração da innocencia.»

Se o snr. Castilho terá ensinado o bem? A pergunta é estolida, aqui, em meio d'este paiz, onde temos visto o afan, a incançavel fadiga com que o semeador das futuras paveias, o instruidor das creancinhas, se anda, furtado aos regalos da inercia, amparado no braço

de filhos e amigos, de terra em terra, por portas de reis e de pecuniosos, pedindo, exhorando o bem-fazer das escholas, a idoneidade dos mestres, a facilidade do ensino, a universalidade da instrucção, o alumramento de todas as almas, a egualdade possivel de todos os espiritos, a extirpação dos vicios inveterados nos methodos antigos, o transito mais facil das durezas do tirocinio ás alegrias da comprehensão.

Pergunta-se se o snr. Castilho terá ensinado o bem? Pois qual ha ahi maior amor a exuberar do peito de homem, senão aquelle que almeja aquecer bem aconchegada de si a geração de meninos para quem a vasta e sasonada intelligencia de Anthero do Quental ha de escrever os seus livros prestadios? Quem ousaria perguntar em Berlim, em Londres, em Paris se teriam ensinado o bem os Frebels, os Lemares e os Pestalozzis? Com que alma se estrema d'entre os ensinadores do bem o affectivo operario que, pouco ha, dizia a D. Luiz 1.º: «Estas creanças, alegria, musica, vaga esperanza e cuidado solcito das familias, estes debeis innocentes, estes cidadãosinhos ainda sem direitos formulados, estes esboços de homens e mulheres ainda sem encargos, estes espiritos que um arrebol de razão apenas illumina... dos bens e males que elles fizerem, grande parte ha-de ser lançada á nossa conta, como á conta d'elles se carregará grande parte do mal e do bem que lá ao diante vier a surdir nos seus herdeiros...»

E, depois, o amor d'estes carinhosos desejos, assim exprimido: «Preparemos, pois, para tamanhas responsabilidades estas creanças; alumieemos-lhes o espirito,

que será ensinarmos-lhes a amarem-se e a bemfazerem-se em si e nos seus, conhecidos e desconhecidos, próximos e remotos. Sejamos como o seareiro providente; não semeemos só para haver alimento na nossa meza; semeemos muito principalmente para as sementeiras ulteriores».

Ora! mas que é isto de amar e ensinar meninos? Que bem-fazer é este?—diz o Ideal abrindo uma fresta da nuvem para nos pedir contas—Augusto Conte, e Strauss, e Quinet e Wolff não curaram do alphabeto, nem andaram como Jesus a dizer o *Sinite ad me parvulos venire*. Os homens benemeritos fazem religiões, e evangelhos, e apocalipses, e destinos, e biblias, e positivismos, e naturalismos, e o mais que consta dos catalogos dos livheiros. Isso é que é!

V

Não tem poesia de bem e de fructos o snr. Castilho. Parece que o poetar d'aquella sancta elegia no transito do snr. D. Pedro V é o consignado no tractado da metrificação, e mais nada. Todavia, medite o snr. Anthero do Quental no que é a poesia, definida pelo auctor do Outono:

«A poesia, na sua accepção ampla e verdadeira, é o antevêr de muito longe, o ousar denodado, o cravar olhos no sol, do ideal sem trepidar, e vêr no homem, tão claramente como o corpo que pede pão e vestido, um espirito que exige luz, um coração que só de amores se alimenta. Isto é a poesia...»

E a dos bemfazejos qual é? E' outra especie de ideal; é outra caridade com os carecidos de bem e d'amor: não desce a moirejar no pão e vestido dos nus e famintos; é o ideal do Dante, que cantou visões de inferno e paraizo; é o ideal de Shakspeare que resplandeceu as suas pomposas tragedias d'um ideal necessario para afogar Desdemonas e espiritar a raça dos Falstaffs; é o ideal de Victor Hugo, que está mais que muito convencido de que a alma da humanidade continúa a girar no seu circulo de milhares de annos, sem dar tento de Claudio Gueux, da *Legenda dos seculos* e das *Cantilenas das ruas*. A humanidade o que quer é d'isto; e o snr. Anthero do Quental intende que o snr. Castilho não faz livros que nos levantem ao andaime de dignidade moral em que se acham os italianos, graças a Dante, e os bretãos graças a Shakspeare, e os francezes, por mercê de Ilugo, e de mais trinta e seis sujeitos que espirram biblias, e ameaçam os contrafactores com as penas convencionadas internacionalmente. Que apostolos!

Carece o snr. Castilho de ideal, porque é d'aquelles que *fazem da poesia instrumento da sua vaidade*. Que vem a ser isto? Heide eu explical-o a quem me esclarecer est'outra allusão ininvestigavel: *Prégam o bem por uso e convenção litteraria, porque se presta á declamação poetica, mas praticam o egoismo por indole e por vontade*. Prefiro denominar puerilidade desgraciosa ao que merecia capitular-se de calumnia.

O snr. Castilho, de affeito que está ás injustiças, umas parvoas, outras injuriosas, nem já da pedrada á sua probidade de homem se inquieta. Aquelle affectuoso coração,

para quem a poesia é fonte de consolativas recompensas e jubilos inenarraveis, não teve ainda hora de desalentado despeito em que deixasse fugir os queixumes indicativos da vaidade ferida. No prefacio da segunda edição da *Primavera*,—livro em que reverdecem, e floream com mais cultivo e dons naturaes as boninas das melhores pastoris de Lobo, de Bernardes e Fernão d'Alvares—o sr. Castilho, desconfiado e desvaidoso de si, escrevia: «Se algum de meus leitores entende por experiencia o que seja padecer n'uma viuvez uma completa orfandade, esse passará com indulgencia, e ainda suspirando, pelos muitos defeitos que na leitura lhe occorrerem.» Nas *Escavações poeticas* o mesmo arguir-se e menospresar-se em muitos dos mais saboreados poemetos. No maximo numero de seus prefacios um tão cuidadoso desfazer da minima suspeita de vangloria, que nem se quer, como Almeida Garrett, de si disse aos detrahidores: «Deixai-o passar, porque elle vai onde vós não ides... Vai, porque é espirito e vós sois materia... E vós morrereis, e elle não!...»

Prégar o bem por uso e convenção litteraria... Optimo uso, excellentissima convenção, sr. Anthero! Prégar o mal isso é que é satânico. Lembra-se v. ex.^a d'um caso em que a prégação do bem, quer usual quer convencional, surtiu fructos abençoados? Abra o livro do «Outono», a pag. 34. Queira lêr a poesia de Castilho, que principia:

*Era um velho senhora! obscuro, pobre, honrado;
estrangeiro e bemquisto; humilde e venerado.*

Este velho estava a cair nas mãos do algoz—o peor

algoz—doze annos de galés;—e o snr. Castilho, deprecando á imperatriz do Brazil, quebrou os ferros do condemnado, e transferiu-o aos braços da esposa e filhos. Celestial effeito da prégação convencional, snr. Anthero ! E, aqui mesmo, n'este lanço para tão legitimas vaidades, que diz o poeta no seu poemeto salvador d'uma vida e d'uma familia? «Por si mesma se defenderia a causa no juiso de tal principe (a causa do perdão); mas porque se não havia de coadjuvar por todos os meios possiveis? » .

V. ex.^a hade contar-me façanhas analogas das prosas de Michelet e de Feuerbach.

VI

Prégar o bem porque se presta á declamação poetica; diz o snr. Anthero do Quental. Se isso assim fosse, teria eu intendido de fundamento a causa de serem tão ruins de declamar os versos d'alguns livros precursores do futuro: é que prégam o mal. Mas peço licença para observar a v. ex.^a que as poesias fescenninas do cadencioso Bocage, e as lubricas figurações da «Bacchante» do snr. Theophilo Braga, são musicalmente declamativas. Parece que o prégar a virtude não é rasão efficaz para as cadencias do rithmo. Releia v. ex.^a um poema lubrico de João Meursius, imputado a Luiza Sigêa, e verá que lhe resoa melopéa virgiliana nos ouvidos; ao passo que muito a custo supportará duas estancias do ascetico Fuzeiro na vida de S. João Evangelista. Summariando n'este ponto, eu não

sei o que o snr. Anthero queria dizer n'aquillo. Bati a moita; mas a vibora não sahiu; no entanto *latet*.

Praticar o egoismo por indole e vontade! O snr. Antonio Feliciano de Castilho egoista! Egoista, sim, da sua lavra honrada, e tão independente quanto os lapidarios das joias da alma podem mantêr-se n'este mundo. Egoista, quem anda a esmolar por theatros com supplicantes versos o pão e o gasalhado dos meninos pobres; egoista quem manda até Vianna os carmes plangentes da sua lyra, interprete da pobreza, impetrando caridade com os orfãos do asylo; egoista o snr. Castilho que ao mesmo tempo é arguido de encarecer o merecimento dos escriptores que lhe pedem conselho, indulgencia e alento! Egoista o snr. Castilho, o mestre dos homens que se ergueram ao pinaculo do poderio e das honras, o reverenciado d'elles todos, e todavia o unico dos mais estremados talentos de Portugal que lá se vai reportando com duas arvores n'um quintalejo, de que paga renda, e com umas pogêas de tostões ratinhados, que a republica lhe dá, sem lhe descontar o servir o encargo no patrimonio que lhe absorveu. Chama-se egoista o homem assim desprendido das melhores coisas da vida, e por morte inventariavel. Quando a luz interior d'aquella lucidissima alma se apagar, e os seus herdeiros pobres lhe houverem desbastado a pedra rasa da sepultura, e v. ex.^a, snr. Anthero do Quental, na robustez do espirito e seguridade de consciencia, poser olhos n'aquella pedra humilde, voltal-os-ha para estes dias de hoje, e dirá comsigo mesmo: não era egoista o grande escriptor que deixou de si uma aureola de gloria em volta d'esta pobre urna de umas cinzas.

Ah! mas o peor é o viver do snr. Castilho; um viver que ao snr. Anthero se afigura menos poetico que os seus poemas, e não á altura da elevação dos escriptos.

Pois que é necessario para que um poeta viva tão poeticamente que seja na realidade um poeta? Eis aqui um postulado original, que tresanda a disparate! E *seja tão poetico como os seus poemas*, diz o snr. Anthero. D'antes, do versejador que não tinha botas, dizia-se: «vive poeticamente». E o mais é que tinha graça o viver sem botas e prometter as riquezas do Peru n'um soneto á mulher amada que não tinha sapatos. Mas, a fallar verdade, o intuito do snr. Anthero não póde ser este, bem que o melodioso trovador João de Deus incline um pouco a indole para o desalinho bocagiano. Por outro theor, ha ahí quem mais poeta realce no viver que o pensador e desinteressado Castilho? Não é tudo poesia n'aquella vida? Flôres, creanças, pobres, tristezas, elegias, tracto de poetas vivos e mortos, amor de familia, sanctidade do lar, abnegação de riquezas, desapparato de pompas, conformidade com o pouco, enlevo permanente na educação dos filhos, chorar as dôres estranhas, ingulir silencioso as lagrimas das dôres proprias: pois este viver assim não se compadece com o viver do poeta genuino, do poeta levantado ao estalão do snr. Anthero do Quental?

E tal vida em que desdiz da necessaria dignidade de homem que faz versos dignos?

Isto, pois, não o intendo eu tambem. Se não é arguição indecorosa—fealdade incongruente com o policia-do espirito do snr. Anthero do Quental—é pouco menos de inconsideração arrapazada.

Não viver poeticamente, e de mais a mais *fizer-nos* *descrêr da grandeza humana*. E' peccado do snr. Anthero, peccado não menos de composição litteraria que tambem de probidade, este desfechar de arguições enfaticas com um desplante que põe a gente ás canhas.

Descrêr da grandeza humana—Que palavras! *Sophisma que nos mostra a pequenez e a má fé, aonde as apparencias são todas de nobreza!* Como conciliar os exteriores nobres do homem cuja probidade nenhuns inimigos ainda marearam, com as suspeitas offensivas do snr. Anthero do Quental? Quem já disse outro tanto a homem que se não haja envilecido, a hypocrita que não haja convertido em gananciosa infamia suas imposturas? E', pois, uma insolencia das que Gustavo Planche, no fragor da peleja contra os lebreus de Victor Hugo, não ousou atirar á cara do mais ladrador.

VII.

O snr. Castilho imita, quando não inventa, e traduz quando não imita. Dispõe d'estas tres facultades: delicia-se mais n'umas que n'outras. Accusação grave. O peor é traduzir; mas traduz Anacreonte e Ovidio: o asperrimo lidar para elle, e o deleite para o leitor. Não importa. Seja original como Hegel que traduziu e imitou Fichte, Schelling e Kant. Seja original como Herder, o Voltaire da Allemanha, que traduziu e imitou lá onde traduzira e d'onde imitara o Herder da França. Seja original como Strauss que traduziu dos primitivos heresiarchas e imitou

dos reformistas allemães. Seja original como Renan que imitou e traduziu Strauss.

Seja original assim!

O snr. Anthero do Quental quer originaes, porque o ideal não se faz com traducções, e sem o ideal não ha *boa fé, desinteresse, grandeza d'alma, simplicidade, nobreza, soberano bom gosto e soberanissimo bom senso... tudo isto quer dizer esta palavra de cinco lettras — ideal.*

Apezar da precisão do algarismo, não me será facil ensinar aos meus pequenos o que vem a ser o ideal. Todas aquellas coisas ensino-lh'as mais chãmente com a palavra DEVER, se antes não prefiro mostrar-lh'as bem á luz do cathecismo de Montpellier. Tudo aquillo que vem da Allemanha enfardelado a Coimbra, e lá recarimbado com as cinco supraditas lettras, muito ha que se conhecia entre nós nos compendios da doutrina christã de Fr. Bartholomeu dos Martyres. Ainda agora vive muita gente sem saber que a satisfação de sã consciencia é o ideal; chama-lhe apenas, á semilhança de Christo, amor do proximo. Ora, soberano *bom-gosto* e soberanissimo *bom-senso* é que os velhos cathecismos portuguezes lhe não chamavam á coisa, porque o *gosto* era attributo do paladar, e o *senso*, juizo natural, não carecia de ser *bom* á franceza.

O snr. A. F. de Castilho, com quanto seja doutissimo no crêr e exprimir de todas as idades, bem pôde ser que não precisasse em rigor a nomenclatura de suas excellentes qualidades. Curava de dar a segunda vida da alma ás creanças desafortunadas e desvalidas. A gente chamava-lhe amantissimo do proximo e pertinaz pregoeiro da caridade: s. ex.^a deleitava-se n'esta sua mais que todas

querida e bemdita gloria. Faltava-lhe, porém, o *substratum* do ideal, o *soberanissimo bom-senso!*

E o mais é que em Lisboa, consoante as suspeitas do snr. Anthero, o ideal não apégou ainda. Ha lá muita copia de virtudes, muita acolheita de infelizes, muita mão obscura que verte lenimentos nas chagas sociaes; mas uma coisa, melhor que tudo isto, o ideal, falta. E isto espanta, se soubermos que já em Roma e Athenas, e Jerusalem e outras terras, existiram poetas *que tiveram um amor demasiado ao ideal*, os quaes, sem embargo de por amor d'elles cahirem aquellas cidades, *taes poetas deixaram memoria grande, honrosa, nobilissima.*

Com a mão na consciencia declaro, em castigo da minha ignorancia, que não sei sobre que poetas ideaes peza a responsabilidade da queda de Athenas, de Roma e de Jerusalem, afóra outras cidades infelizes. Para mim, não obstante, é de fé que existiram, e me levanto agora abominando-os com todas as minhas forças; porque praticaram uma acção vilissima, se com o ideal execravel fizeram o mal que eu imaginava ter sido feito pela corrupção dos costumes. Foram elles, pelos modos! Que enormes scelerados! Deus nos defenda da raça d'elles, em Portugal, se ainda ha algum que não esteja empregado nas alfandegas e nas vias-ferreas!

Então que mais é o snr. Castilho?

E' idolo litterario *da multidão que mal sabe lêr*, e como um *dos philosophos queridos da turba que nunca pensou. e genio no Brazil, finalmente.*

Ás turbas, que não pensam, que lhes fazem a ellas philosophos? O que um certo vulgo intende comigo é a

palavra decomposta em termos lusitanos. Amante do saber, e amante de o transmittir sabemos nós, os pequenos, que o tem sido, e será, em recrescente gloria e sancto orgulho, o snr. Castilho. Não o endeusamos em idolo: abasta-nos á nossa gratidão chamar-lhe mestre. Quando tinhamos coração para intender aquelles amores das *cartas de Ecco e Narcizo*, com sôffrego deleite as relíamos porque nos espartavam no intimo espiritos suaves e enlêvos de muita poesia. Eram o regorgear das aves na manhã serena da nossa vida. O môço Castilho foi então o que devia ser em suas verduras: o poeta da juventude.

A *Primavera*, no meu tempo de Coimbra, ha vinte annos, tempo em que por alli andavam poetas como João de Lemos, Cordeiro, Couto Monteiro, ia lêr-se á «Lapa dos Esteios,» quando as arvores celebradas de Castilho desabotoavam, quando o ceo se azulejava e espelhava nos lagos. E não bocejavamos, nós, os rapazes portuguezes de ha vinte annos, porque o germanismo não nos havia ainda marasmado. Tinhamos o ruim discernimento de applaudir Bernardes, Lobo, e Castilho que nos transferiam da contemplação das formosuras visiveis ás invisiveis. Não sabiamos que era necessario exhumar o esquecido Vico para aprendermos d'elle tanto quanto d'elle souberam os seus contemporaneos, e quanto o snr. Anthero sabe dos paraphrastas de Vico.

E, depois, ao correr dos annos, com quanto os livros de Castilho não nos dissessem coisas originaes sobre o futuro, insuflavam-nos alentos para affrontar as adversidades do presente, e edulçorar os azedumes congeniaes da vida. Antepunhamos os *Quadros historicos*, esculpturaes

em formosos labores de linguagem, recendentes da poesia das nossas coisas, ás aridas prelecções de Niebuhr. Já sabiamos, antes de os lér, que D. Furas Roupinho era uma lenda, e que a visão d'Affonso Henriques era uma visualidade. Nem o snr. Castilho quiz sustentar as piedosas chimeras de Brito, nem o desengano nos foi ministrado pela severidade historica do snr. Alexandre Herculano. Um deu realces á poesia do passado; outro sahiu a devastar um campo, onde já nenhuma vegetação graciosa viçava. Para os doutos, os *Quadros historicos* eram musica, e embebecimento; para os indoutos eram lição de historia, com as graças da antiga boa fé, e com as innocentes galas da mais fertilisadora e diamantina vernaculidade.

Antes isto, para aquecimento d'animos intanguidos do glacial positivismo da vida, antes isto que o roaz cilindro de João Pedro Ribeiro e Alexandre Herculano por sobre todas as relvas e balseiras em que os cultores de outras eras deixavam os bolbos das raras flôres da historia portugueza. Arrasados e espalmados os jardins, fica ahi a historia das piratarias portuguezas por esse mundo fóra, a historia das vergonhas intestinas, a lucta sanguenta dos judeus parvos com os parvos campeadores da fé, e não sei que mais. Ora de tudo isso já os espiritos cultos voltavam o rosto, antes que o eminente historiador nos cancelasse da historia pittoresca os Fuas Roupinhos, os conjurados de Almacave, e o Christo generalissimo da batalha de Ourique. Para gente que não faz timbre de se andar infernando, e atanzando, e escaldando os musculos e ossos e tutanos na bigorna do ideal, a historia como

o snr. Castilho a deu nos seus *Quadros*, era um dulcíssimo recreio d'almas feridas da sáfara d'outros cuidados; porque, em verdade, a gente que se compraz de andar á espreita do destino da humanidade, em quanto se elabora a digestão de jantar, faço saber ao snr. Anthero do Quental que é pouquissima. O numero dos escorreitos é maior do que s. ex.^a cuida.

Como quer que seja, para o author das *Odes modernas*, todas as obras em prosa do snr. Castilho são *prosas imitadas das algaravias mysticas de frades estonteados*; todas as obras em verso são *banalidades*, como quem portuguezmente quizesse dizer «frivolidades»; *todas as obras juntas, prosa e verso*, são ninharias. Tomemos conta e nota d'isto.

Depois do que, remata o snr. Anthero a sua carta declarando com a mais ideal das cortezias que não é admirador nem respeitador do snr. Antonio Feliciano de Castilho.

VIII

Entre o primeiro despique e o segundo do snr. Anthero do Quental, entrou na liça, carregado de ideaes pavoros, o snr. Theophilo Braga. Conhecia-se certo alvoroço nos palanques. Corréra uma atoarda de que o athleta ungira os braços até ás omoplatas e estirára os musculos para o jubilo infernal de sentir escabujar a victima. A victima era o snr. Castilho. O snr. Castilho victima do snr. Theophilo!

Fallou o auctor da «Poesia do Direito».

A' pagina 2.^a das *Theocracias litterarias* o publico

perguntava-lhe onde estava o verbo e o agente da oração. Os seus amigos lastimavam que o campeador não vestisse a unica arma que lhe esquecêra: a sintaxe. Porque s. ex.^a escreveu d'este feitio: « Uma das phases mais brilhantes da vida de Goethe, depois de se ter encarnado no Fausto e contemplado o ideal sereno do mundo antigo, as fórmulas encantadoras de Helena, o typo supremo de bello; depois de ter representado as luctas e revoluções com que o christianismo abalou a alma humana, na sublime criação da *Noiva de Coryntho*, o vulto do pensador e poeta realisa em si a mesma perfeição plastica, sente que se transfigura, a fronte envolve-se em uma magestade olympica. »

Foi por isso que as turbas, convencidas de que em Allemanha os grandes pensadores se não dedignam de escrever grammaticalmente, conclamavam perguntando qual o agente, qual o verbo da oração cerdosa como javali em sanha.

E já que temos cosinhado de Fausto, direi pouquissimo que me lembra com relação a este desatinado folheto do snr. Braga.

Conta Goethe na 1.^a parte da Tragedia *Fausto*, que este individuo, como quer que estivesse scismando no seu gabinete, abriu o livro de Nostradamus, viu o signal do *Espirito da terra*, e entrou a berrar que se sentia arder como se estivesse embriagado de vinho novo. E, depois, taes coisas disse que é um pasmar-se a gente!

A mim me quer parecer que o snr. Theophilo Braga, antes de escrever as *Theocracias litterarias*, viu o *Espirito da terra*. Tem mysterio aquelle vinho novo de Goethe. O que vale é que das gôttas que espirram dos beiços dos en-

diabrados, se borrifam a gente, o maleficio degenera logo no succo de uma herva mythologica da Sardenha, a qual herva dava a morte em riso convulsivo.

O snr. Theophilo Braga está-se abysmando. O renascimento hade ser-lhe difficil. Sepulturas em que se insculpe o epitaphio do riso, pelo ordinario fecham-se para sempre.

IX

Novo opusculo do snr. Anthero do Quental. *A dignidade das lettras e as litteraturas officiaes*. São explicações, em toada grave. Ha aqui não sei qué de apparatusa solemnidade: os modos e geitos d'um coripheu de eschola que vem protestar perante a posteridade que a sua missão vinha inspirada do alto, e que lava as mãos das parvoçadas ejaculadas pelos seus collegas sandios. Affasta de si os escalrachos, e põe peito ás fréchadas de adversarios e hombros á gloria que lhe hade advir no dobar dos annos e na prolação das gerações. Vislumbra por alli uns lampejos de Simão d'Athenas. A gente lê, e sonha-se agachado a um canto de Pœcilium, ouvindo uma parlenda de Chrysippo. A linguagem é levantada como cumpre. O tom da vaidade é o que se requer na postura da clamyde sobraçada. Deviam de explicar-se assim os commensaes dos banquetes de Platão.

O snr. Anthero, quando se esquece da postura adscripta á circumspecção do seu dito, apequena-se, e exprime as coisas no tom vulgar com as falhas vulgares. Declara que *não intentou desacatar a venerabilidade sacerdotal do snr. Castilho*. Esta ironia, a meu vêr, presume

de engraçada: póde ser que o seja, mas destôa do restante: é como se a um busto severo de Zenão lhe esbruciassem o nariz: o sentimento provocado pela desfiguração em vez de riso seria lastima.

Não veio desacatar o snr. Castilho: *Foi só—diz s. ex.^a—defender a liberdade e dignidade do pensamento, que n'esse momento se offendiam na chamada eschola de Coimbra, no trabalho de alguns homens (bom ou máo não curei de o saber) mas trabalho livre, independente, trabalho santo pois, e digno de respeito. E acrescenta: Isto assim parece-me melhor e mais alto.*

Cada vez peor e mais baixo. Digno de respeito é simplesmente o trabalho util e bom. Certo, que o snr. Anthero não respeitaria o trabalho do artifice que, em vez de lhe talhar a casaca encommendada, lhe vestisse uma niza, ou fizesse jaquetas com o nome de paletós, allegando que podia arbitrar o nome ás suas obras, visto que as manufacturára independente de mestres. Trabalho bom, util, e sancto, se s. ex.^a quizer, é o do alfaiate que faz casaca e o do litterato que faz litteratura de servir. E os obreiros que fabricam mal são máos, e peores os que se aprumam e nobilitam em creadores e reformadores de religiões: querem-se admoestados e repulsados, se teimam em jactanciar-se de seus defeitos, e sahem á rua de sapatos de ourêlo a contender com os visinhos que exercitam o professorado da litteratura util.

Não admira nem respeita o snr. Castilho, insta o snr. Anthero. Estava dito e motivado isso: não admira o proador da *Chave do enigma*, não respeita o poeta da *Primavera* e *Outono*, não admira o traductor de Anacreonte

e Ovidio, não respeita o prosador dos *Quadros historicos*, porque todas as obras junctas do snr. Castilho, prosa e verso, são ninharias. Que mais tem que explicar?

Vai agora definir as ninharias? Ainda não. Algumas paginas distendidas até á saciedade e batidas sobre a mesma incude. E' a idéa maleavel de que o snr. Castilho quer tapar as valvulas do sangue original e creador que estua nas arterias dos iniciadores. Orça pela fadiga o sentimento que vão deixando as successivas paraphrases da mesma these, sem impedimento das graças do estylo. O panegyrico de Voltaire, de J. Jacques, de Diderot como fomentadores da Revolução. Todas as lampadas em volta d'estes idolos para que se não vejam as cabeças de Luiz XVI e Maria Antoinette, e as carretas dos padecentes que passam. Trivialidades a que eu não poderia responder senão com trivialidades. Narizes de cêra que a sã critica está farta de derreter.

Outra vez a apologia do escriptor que não se inspira de auctoridades litterarias. Insulação do genio, despreendimento de modelos. Dir-se-hia que as idéas do snr. Anthero do Quental lhe foram trazidas pela pomba celestial de S. Pacomio. S. ex.^a nutrido da Allemanha e dos francezes medianeiros do ideal germanico, foge com o estandarte da procissão, e declara tacitamente que não tem nada commum com a confraria. As suas idéas são suas. Hegel e Herder tiveram apenas a felicidade de o adivinharem. Quem assim está infusamente e predestinadamente sorteado, só por um excesso de urbanidade poderia respeitar o snr. A. F. de Castilho. Cita Michelet, e Feuerbach e Vico e muitos: estes não são ensinadores nem

oráculos: são faiscas precursoras das columnas de fogo que s. ex.^{as} de Coimbra vão levar de passeio por essas terras do Senhor além. Isto é que é pensar ás soltas, e remover travancos de auctoridades!

Pelletan, confronto não despeciando para o snr. Anthero do Quental, encontrou de frente a philosophia inversa de Lamartine. O professor, com uma delicadeza já auspiciosa do exito da victoria, beijou as cans do poeta das «Meditações,» denominou-o mestre, e explicou o moto da bandeira do seu arraial.

A serena philosophia não sahe á lucta com um cabaz de pedras.

O auctor da *Profissão de fé*, quando lhe pediam uma immortalidade, dava nada menos que tres, e dizia: «escolham: são tres immortalidades, uma segundo Pedro; outra, segundo Paulo; outra, segundo Sancho. Eu de mim não inventei nenhuma.»

Traduzi livremente; mas a substancia é aquillo. Trez immortalidades, cada uma com trezentas auctoridades. A quarta estamos á espera d'ella. Virá de Coimbra, e confeccionada por um ou dois, quando muito.

Originalidade é alli!

X

E originalidade urgentissima na conjunctura especial em que se acha a nossa terra. «Ah! — clama o snr. Anthero — mas n'esta terra, em tempo fecunda e sancta e agora fria e esteril, a esta gente outr'ora nobre e altiva e

hoje baixa e envilecida, a esta gente e n'esta terra é que era fazer ouvir as grandes palavras de esperança, de coragem e de fé!»

Em qual época da nacionalidade portugueza fitaria o snr. Anthero olhos amarados de lagrimas, quando lhe adjectivava aquelles epithetos de *sancta e fecunda*? Em qual época figurou s. ex.^a a nobreza e altivez d'esta gente de Portugal? Na geração dos homens de ferro que lavavam as bandeiras do Christo no sangue dos indios? Antes ou depois? Antes? abra a legislação, se lhe escassea a historia; depois? abra a historia, se lhe escassea a legislação. A terra *sancta* era a coeva de D. João 1.^o e Nuno Alvares? Valha-nos Deus! Que altos brios os do monarcha, adail de homicidas, que se não pejava de pedir mão de esposa á comborça de Fernando, e á barregan do conde Andeiro! Ahi está o magnifico vulto do seculo esplendido de Portugal. Em redor d'elle, á parte o peso miraculoso dos montantes, enxameavam as torpesas de tanto esqualor, que nem os chronistas fradescos, forçados pela mordança da caridade, poderam calal-as. Não vem descabida a personificação do agigantado vulto—o rei cavalleiro do seculo que o snr. A. Herculano cognomina de ouro. Pois foi então *sancta e fecunda* de moralidade esta envilecida terra de hoje em dia, ou foi depois? *Sancta*, em tempos de D. Manoel e D. João III, porque queimava hereges? *Fecunda*, porque as cinzas dos israelitas adubabam as terras? Foi nobre e altiva esta gente depois de Alcacer-kibir, porque os proceres d'ella tinham taxado o preço das consciencias na carteira de D. Christovão de Moura?

Qual periodo, qual geração de Portugal nos dá o snr.

Anthero mais levantada em espirito, mais devotada ás coisas da intelligencia, mais livre no crêr e pensar? Quando moralmente fomos nós mais ricos dos thesouros da philantropia, do compadecimento dos nossos conterraneos desbalisados dos bens da fortuna? Em que tempos o ideal d'esta parte do mundo convisinhou mais sancto, mais fecundo, mais prestadió dos preceitos e conselhos do Nazareno, divinizado pelo exemplo da vida e morte?

Foi uma exclamação perdida e pueril a do snr. Anthero do Quental. Queixa-se de s. ex.^a a historia, queixa-se o siso commum, queixamo-nos todos os que sinceramente abominamos o ideal d'esta terra, nos tempos sanctos e fecundos a que o saudoso poeta fez oblação de tres pontos admirativos.

XI

Com lacrimavel prosa desprende o snr. Anthero do Quental um threno sobre a patria agonisante. Bello fragmento d'um artigo-de-fundo da opposição; mas que não vem a pélla n'uma contenda entre o ideal de Coimbra e o positivismo de Lisboa. E' certo que o nervoso escriptor nos quiz fazer sentir que ainda é tempo de salvar a patria, se amanharmos uma litteratura de certo feitio. As muitas protervias que por ahi chafurdam n'este lameiral, quem as gera nas corrompidas entranhas é o *scepticismo*, é a *litteratura official*, que ri, graceja, scisma, murmura, fantasia, procura rimas bonitas, desenterra palavras obsoletas, e construcções isoticas de phrase, diverte-se e cuida

divertir-nos, no meio de um grande lucto nacional, n'uma das horas mais solemnes d'este povo...

Então que hade fazer-se? Pensemos n'isto seriamente. Manda-se traduzir Ezechiel, Josias, e Abacuc? Vamos psalmodiar as lamentações dos prophetas no Rocio, na Praça-nova, e no largo de Sansão? Venha de lá o modelo da litteratura redemptora! As *Odes modernas* são bellas, são admiraveis; mas eu não ousou affirmar que se faça em volta de mim o concurso necessario para a cathequeze. A *Bacchante* do snr. Theophilo Braga, ou o *Suvourola*? Aquillo tem muitissima coisa galante; mas o elogio dos frades regicidas e das bachanaes impudicas não me quer parecer que seja cataplasma bastante emoliente para esvurmar a posthema dos abcessos mortaes da patria.

Que hade a gente fazer?

Se é possivel interpretar sisudamente os desejos do snr. Anthero do Quental, devemos invidar todo pulso em guindar a litteratura ás alturas de Pericles, ás da monarchia quasi universal dos triumviros, á republica florentissima dos Medicis, ao luzentissimo ciclo de Leão X. Ouso perguntar a s. ex.^a qual foi a prosperidade moral procedente do acume intellectual de cada um d'aquelles periodos. Ouso ainda perguntar como foi o desandar da roda da fortuna próspera em cada uma d'aquellas regiões alummiadas pelos rutilantes candelabros de poetas, philosophos e oradores.

Se me não enganam as minhas presumpções historicas, o refinamento das sciencias e das artes ia de par com a degeneração dos deveres. A Roma dos ignorantissimos Cincinnatos e Manlios tinha umas entranhas puras onde

mais tarde, em plenilunio de sabedoria, se geraram os Ciceros conjurados no morticínio dos Cezares.

Por amor d'isto, não se cuide em Coimbra que eu peço a ignorancia, e os Fabricios e as Clelias. Não, senhores. Eu quero muito poeta, e muito prosador, e até muita coisa que não seja prosa nem poesia. Antes de tudo, queria salvar a patria; mas, se não posso, quero salvar-me a mim do aborrecimento de morrer com ella, lendo as *Visões*, lendo as *Tempestades sonoras*, lendo tudo que me convence de que este paiz está muito para vida, se é certo que a excellencia dos livros novos é indicativa d'um proximo acabamento. Não senhor. A infancia de Portugal recomeça ahi por Coimbra. Por ahi se está escrevendo poesia nem mais lypida nem mais recreativa que o trovar de Egas Moniz e Gonçalo Hermigues. Realisa-se o vaticinio d'aquelle Gesto Anures, terror do rei Mauregato, e um dos mais famigerados da eschola gallega. Prophetizou o bom do trovista:

Lingua de Aravia
Eu a fallurei.

Por que metempsychoses passaria o mata-mouros de «Figueiredo das donas» até se vestir da carne d'onde nos está hoje fallando «lingua de Aravia»?

XII

Não posso fingir durezas de peito, quando é nobre e bonito que me eu commova dos dizeres plangentes do snr.

A. do Quental aos lavradores da provincia. Comprazo-me de trasladar este queixume do môço que, por amor dos lavradores, está penando: «Lembro-me de vós e de vossos rudes labôres, das lidas fadigasas que vos consomem as honradas e modestas vidas! Por vós e pela vossa causa soffro contente os risos insultuosos, os desdens e as injustiças, porque vós tendes direito a alguma coisa melhor do que requebros de phrase, algumas lições mais altas do que os exemplos de connivencia com as torpezas e as abjecções do tempo, e alguma doutrina mais consoladora do que a resignação e condescendencia com as loucuras da época, e alguma moral mais sancta do que o amor sensual e exclusivo da fórmula, do som, das palavras ôccas e esterilmente harmoniosas.»

Aqui ha que esgaravatar.

E' bom sâber-se que o snr. Anthero do Quental é rido, desdenhado e affrontado em sua justiça, por tomar á sua conta a litteratura dos lavradores, a qual, até ao presente, lhes era ministrada em requebros de phrase e palavras ôccas. Este martyrio passava despercebido, se s. ex.^a se não queixa. Os lavradores tambem não sabiam d'isto coisa nenhuma, por não terem noticias do mundo das lettras senão as que annualmente lhes levam o *Reportorio do Preto* e os avisos para entrarem no cofre do concelho com as decimas e impostos annexos. N'estas duas especies litterarias é que os desgraçados lavradores tem aprendido requebros de phrases e palavras ôccas, esterilmente harmoniosas. Estão tolhidos com o culteranismo do reportorio e com as litteraturas requebradas e officiaes do escrivão de fazenda. Faz-se mister levantar-lhes a espinhela mo-

ral com emplastos d'algumas drogas confortativas da Allemanha. Remedieemos. Os *Contos fantasticos* do snr. Theophilo Braga para Castro Labreiro; e outra coisa assim bem phraseada sem requebros e bem palavrosa sem harmonia, para Barroso. Feito isto, que é da alçada do conselho superior de instrucção publica, cumpre que o poder legislativo intenda em mandar mestres de instrucção primaria, mestres de ideologia, e mestres de esthetica aos lavradores. Parece que estes sujeitos deviam ir naturalmente antes dos livros; mas, attendendo á pressa de basculhar as teias d'aranha que as litteraturas officiaes urdiram no encephalo dos lavradores, urge que os curas façam leituras publicas dos livros inculcados, como coisas de si comezinhas e chans e tanto a lume de intendimentos botos que é bastante o dizel-as; e, se n'algum lanço, ha coisa em que intelligencias means possam embicar, os escolios do snr. Theophilo Braga tiram tudo a limpo e claro que nem pérola sacudida d'entre alforrecas.

E, depois, ou nós estamos em terra de cafres, ou o snr. Anthero do Quental, á frente da miuçalha lettrada que lhe vai no couce processional dos seus folhetos, tem de ir entre os lavradores, que deplora, explicar como foi que das trevas projectadas da face do Christo beijada por Judas se formou a egreja catholica. (1) E assim que os lavradores souberem isto, as tulhas debordarão de cereaes: os S. Migueis serão tres em cada anno, e o estado, nu-

(1) *Odes modernas.*

trido de Ideal, receberá as contribuições em rosmaninho e alfazema.

XIII

Agora o *Appendice*, ou *provas tiradas das principaes obras do snr. A. F. de Castilho*, para que se veja a verdade de quanto o snr. Anthero acaba de afirmar nas *paginas antecedentes*, quer dizer, a *impotencia das litteraturas officiaes*.

Vamos vêr isso.

Entra o snr. Anthero aquilatando os meritos correlativos de Castilho, Alexandre Herculano e Almeida Garrett. O perigoso d'estes confrontos é o derivar-se a grosseria da leviandade. A injuria de par com a bajulação objecta não é a somenos quebra da indiscrição do juiz. Negamos-lhe a competencia, porque subiu cheio de paixões ruins á judicatura. Damos quasi nada por suas sentenças, e não tiraremos d'ellas outra publica fórma para nos não apoucarmos em dialectica de alumnos de rethorica. Os litigios d'esta natureza hade decidil-os a posteridade, quando dois grandes nomes houverem passado para indicação de duas sepulturas. O depoimento do snr. Anthero, no tribunal porvindouro, hade ser allegado tão sómente como prova da falta que havia n'este paiz de compendios de civilidade, quando homens da altura de Garrett, Herculano e Castilho escreviam livròs monumentaes.

Aqui se detem o snr. Anthero na summariada apreciação intellectual do snr. Castilho.

Quer saber o que elle é, o que representa.

Contrista-se porque não póde responder. Observa que o snr. Castilho é reputado grande, e captiva o respeito das maiorias; mas attribue este culto á pouca instrucção, ao uso convencional das maiorias. As minorias *intelligentes e ociosas* dizem entre si o que é o snr. Castilho; porém, dizem-n'o baixinho. Todavia, o snr. Anthero que não é de caixas incoiradas, vem espalhar aos quatro ventos das nossas noventas leguas o que pensa a tal respeito. Saibamos o que dizem as minorias *ociosas*, e lamentemos de passagem que o snr. Anthero não tenha que fazer mais do que as minorias.

O character essencial do snr. Castilho não é uma idéa, um sentimento, um principio, um modo seu de conceber a sociedade, o individuo, ou a natureza. A sua faculdade dominante é o genio da proporção e da harmonia, o segredo das apparencias formosas — o estylo. Salsada!

O snr. Anthero do Quental sabe ao certo o que é estylo? E' a concepção das idéas, manifestada em formulas visiveis e transmissiveis; é a luz exterior reflectida da luz interna. E' ainda, em sentido menos lato, a escôlha harmoniosa das palavras, congruentes á elevação ou simplicidade do assumpto. Que é mais o estylo? E' a phisionomia distincta da obra, do auctor, do assumpto, do paiz, e do seculo. E', finalmente, o que ahi ha menos material na arte de escrever.

Quaes eram as idéas do snr. Anthero, quando abstrahia do estylo propriamente a alma, o sentimento, o impulsor do intimo, a elaboração secreta da meditação, o espertador que nos accorda idéas, que nos suggere ima-

gens, que nos commove e enleva, que nos obriga a seguir, de espaço ou arrebatadamente, as figurações espirituaes do escriptor? A formosura do estylo que é, senão a formosura das idéas, quer terrificas, quer maviosas?

E' obvia a resposta á interrogação: o snr. Anthero do Quental não se deteve ainda a esquadrihar o que seja estylo. Sabe mingudadamente o que é *linguagem*, conhece muita gente que a exercita dispromorosamente, e quiz dizer-nos que o snr. Castilho conhecia de fundamento a propriedade das expressões. Seja assim, fiquemos n'isto, para não estarmos ambos a parvoejar á volta d'um equivoco.

O snr. Castilho escreve bem: concede-lhe isto o snr. Anthero; mas nega-lhe a faculdade de conceber a sociedade, o individuo, ou a natureza. O snr. Castilho internece-nos até ao pranto, vibra-nos as fibras do coração, leva-nos depós a vehemencia das paixões que concebe. Isto será conhecer-nos? não é: parece-o, todavia: falta-lhe o conceber-nos, que é coisa mais puchada á sustancia do ideal.

Outro aleijão intellectivo do snr. Castilho: é ter *uma maravilhosa faculdade imitativa, formal, capaz de fingir tantos espiritos quantos a voga fôr pedindo*. Está demonstrado isto com cinco escandalos de cinco espiritos fingidos: em 1816 foi elmanista, primeiro espirito; em 1818 poeta monarchico, segundo escandalo; em 1825 pastoril, terceiro; depois de 25, socialista, quarto; em 1826 e 1836 ultra-romantico e shakspeariano.

O snr. Castilho, se fosse homem de idéas suas, e concebesse a humanidade e a natureza, havia de ficar desde 1816 até 1866, cincoenta annos, a fazer versos bo-

cagianos, assim como o visconde de Almeida Garrett ficou toda vida a escrever farças do quilate litterario do *Corcunda*, e sonetos arcadicos ás freiras, e a fabula do gallego que descobriu um feliz expediente na pia da agua benta para se livrar da invasão do diabo. O snr. Castilho fez versos a D. João VI, que o proveu de subsistencia galardoando-lhe o precoce engenho; pelo consequente: *poeta monarchico*, homem sem idéas, poeta sem character, que devia bandear-se nos altos espiritos que insultavam a boçal bondade do rei. Depois, finge um terceiro espirito, e faz-se poeta pastoril; terceiro escandalo, porque devia conservar-se poeta monarchico; não contente com isto, faz-se socialista; depois, abusa da tolerancia das leis, e faz-se classico; posterga os deveres de cidadão honesto, e faz-se romantico; e finalmente obriga a gente a estoi-rar de indignação, quando outra vez se torna ao amor dos poetas e mestres antigos.

Não é facil redarguir ao snr. Anthero do Quental. Recolho-me ao recondito das minhas mais sérias cogitações, e a penna insensivelmente está desenhando narizes.

O snr. Anthero não foi mais verdadeiro que delicado.

As alterações arguidas não se manifestam desairosamente nos escriptos do grande poeta. Classico é que elle sempre foi no genuino dizer do termo; dos mananciaes da lingua portugueza é que elle nunca levantou mão; o que fez, quando quiz, foi enfeitar a expressão do sentir hodierno com as joias antigas.

Ultra-romantico! porque não? O que é o *Fronteiro d'Africa*? O *Arco de Sancta Anna* que é? E o *Eurico*?

e o *Monge de Cister*? Que tem que a *Noite do Castello e Ciumes do Bardo* tributassem no regaço do romantismo o feudo d'uma poderosa imaginação, que se aqueceu ao sol de quantos grandes homens legislaram para as letras?

O snr. Anthero agachou-se sobre o seu estrado para pensar n'aquellas datas, no intuito de hervar a chufa com a offensa pouco menos de brutal. O proposito dos algarismos denuncia-se velipendiosamente. Quer-se denegrir o homem, datando-lhe as transformações do talento, como quem apóda as versatilidades do character. Isto tem um nome que se diz quando o publico está disposto a perdoal-o: chama-se... lama.

E depois, os descuidos biographicos do snr. Anthero, descuidos que nem sempre me parecem fugir á alcunha de necedades. Vem Victor Hugo como innovador, e adstricto a uma idéa unica. Victor Hugo poeta de reis, poeta socialista, prosador classico, prosador romantico, poeta legendario, poeta pasquinario, poeta elegiaco, poeta demagogico! Isto é ter o nome ligado a uma idéa unica. O snr. Anthero devia, pelo pouco, ter duas: uma de Castilho, outra de Victor Hugo; e, se pudesse ter uma terceira de si mesmo, devia de sentir n'esta hora a consolação da modestia, com a consciencia do seu muito saber em gestação de fructos menos verdes e menos sorvados.

Segue a pretendida analyse de alguns livros do snr. Castilho. E' de um natural facecioso, recheada de jogralidades, que não fazem praça a pleito sério. No correr d'este enfadoso trabalho, já me antecipei indicando o con-

ceito que mereceram ao escriptor os poemas e as prosas do snr. Castilho.

Quaesquer graçolas mais ou menos desbragadas dizem menos que o peremptorio d'esta linha: **TODOS OS VERSOS, TODAS AS PROSAS DO SNR. CASTILHO SÃO NI-NHARIAS.**

XIV

Eu não quero outra melhor prova de quanto tenho estabelecido do que uma obra meismo do nosso poeta. Essa sim, é uma obra sentida e profundamente verdadeira, feita com alma, paixão, sangue e vida, que se sente palpitar e nos toma o coração e o domina com este absolutismo que só tem a verdadeira belleza. E' um dos mais formosos dramas do theatro portuguez... o drama CAMÕES. Nunca se dirá bastante d'esse livro surprehendente que excede muito à CAMÕES de Garrett no estudo da época, na interpretação do verdadeiro character do heroe, na intelligencia intuitiva do genio da nação, e no grande espirito poetico e dramatico que anima todas as scenas, salas amplas e luminosas d'um maravilhoso palacio de poesia.

Cuidam que este periodo é meu? Não é; gloria teria eu muitissima de tê-lo escripto.

— E' então certamente de algum dos escriptores de de boa nota que veneram Castilho? Que dirá o snr. Anthero do Quental contra esse rasgado louvor?

Leitor, o snr. Anthero do Quental não tem que dizer contra o rasgado louvor, porque... é seu, escreveu-o elle.

Está na penultima lauda do livrinho das chanças, das zombarias, dos escarnecimentos. E' do mesmo escriptor que não tinha encontrado livro de Castilho, *prosa ou verso, que não fosse ninharia.*

CONCLUSÃO

O poeta de quem se disser que escreveu livro superior ao *Camões* de Garrett, não póde já invejar nenhum. Urge, porém, que, para a validez de semelhante juiso, o julgador se não haja desautorizado, alcunhando de fazedor de frioleiras quem sobre-excedeu Garrett no seu melhor livro, na lampada de mais duradoura luz que lhe banha o pedestal da memoria.

O melhor amigo, o mais entusiasta admirador de Castilho, se algum houve que mais que eu lhe devesse e o amasse, não teve ainda á mão a balança em que pezasse o quilate dos dois poemas denominados—*Camões*. As indoles diversificam tanto que não ha padrão para lhes assignar primasias. A sã crytica o mais que póde e ousa é denominal-os ambos obras de primôr.

Que prova isto? que moralidade vai n'este contradizer-se subito e inesperado do sur. Anthero do Quental?

Póde provar em duas hypotheses: ou as ruins paixões desconcertam e atraçoam o mais reflexivo espirito; ou o snr. Anthero do Quental, na penultima lauda do seu segundo escripto, insensivelmente, se estava penitenciando de suas injustiças. Na primeira hypothese, é a verdade

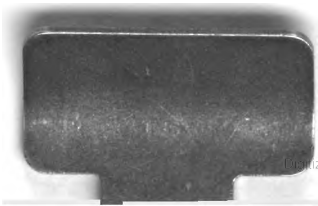
que engenhosamente inflige o castigo da vaidade irritada; na segunda, são os honrados sentimentos da equidade que abraçam de assalto o espirito do escriptor, e lhe pedem que deixe subir o seu juizo até onde o tempo lhe altear o talento.

FIM.

89082958984



B89082958984A



89082958984



b89082958984a